



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Mônica Stefani

Universidade Federal de Santa Maria
orcid.org/0000-0003-0485-2086
monica.stefani@ufsm.br

*Naila Cordeiro Evangelista de
Souza*

Universidade Federal da Paraíba
orcid.org/0000-0003-0801-5322
nailacordeiro@gmail.com

A recepção brasileira ao romance O Peso do Pássaro Morto (2017), de Aline Bei: uma breve análise

Resumo: Este artigo analisa a recepção de O peso do pássaro morto, romance de estreia da escritora paulista Aline Vianna Bei, publicado em 2017. O enredo da narrativa acompanha a vida de uma mulher, dos 8 aos 52 anos. Como já sugere o título, trata-se de uma narrativa extremamente melancólica, na qual a vida da protagonista pode ser definida enquanto uma existência repleta de perdas e dores. A escrita poética e versificada de Bei agarra-se a esta conjuntura, tornando a leitura instigante, fluida e potente. Com amparo da Estética da Recepção, observamos como tem se dado a recepção da obra considerando cinco resenhas, publicadas entre 2018 e 2020, com autoria explicitada. O resultado de nossa análise aponta uma recepção positiva da obra de Bei, recomendando sua leitura, e, ao mesmo tempo, demonstrando o poder (às vezes aparentemente ameaçado no Brasil) da literatura.

Palavras-chave: Recepção; Literatura Brasileira Contemporânea; Leitura; Memória.



INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, por centenas de anos, exaltou primordialmente nomes de autores homens brancos – e, geralmente, da elite. Apesar de todo o desincentivo, aqui cultivou-se também escritoras, como Bárbara Heliodora, Rita Joana de Sousa, entre outras. Mas, ao contrário do que acontece a eles, elas costumam ter suas obras perdidas e ser esquecidas pela história. Por exemplo, a historiografia literária deliberadamente ocultou autoras e suas produções. O caso da escritora carioca oitocentista Júlia Lopes de Almeida é um exemplo claro de que, quaisquer que sejam as condições de uma mulher na nossa sociedadeⁱ, seus feitos sempre podem ser apagados. A escritora paraibana Anayde Beiriz foi resumida a ser parte em um conflito político na história local.

Iniciativas atuais em prol da recuperação de autoras e a crescente aparição midiática do tema, além da propagação do acesso à Internet – que permite que diversos coletivos femininos autogeridos e grupos de apoio e estudo divulguem eventos e compartilhem vivências e textos escritos por mulheres – elucidam uma busca por uma mudança de padrão, principalmente no interesse progressivo das mulheres em sentirem-se representadas pelo ponto de vista feminino, em contrapartida às representações advindas de um masculino patriarcal, que ora as exclui, ora as estereotipa.

As premiações, embora representem uma elite cultural que difere das preferências populares e evidenciem autorias de um único eixo geográfico, de certo modo acompanham a conjuntura. A primeira edição do Prêmio Nobel de Literatura aconteceu em 1901 e, em cem anos, somente nove mulheres foram laureadas. De 2002 a 2020, a contagem foi acrescida de sete autorasⁱⁱ. No Brasil, o prêmio Jabuti, na categoria romance, apresenta números semelhantes: até o ano de 2001, apenas dez mulheres haviam sido premiadas, e de 2002 a 2019, sete mulheresⁱⁱⁱ.

As premiações ainda contribuem para a formação de uma memória de leituras. E, quando se fala de memória (representada pelo cânone, pelos grandes escritos que devem ser lidos e relidos segundo a crítica especializada), também é necessário que ocorra



uma espécie de esquecimento, o que nos leva a pensar nas produções que permanecem no Arquivo. Afinal, não há como falarmos em memória sem pensarmos em Arquivo, e por Arquivo, neste artigo, nos referimos ao que não está circulando, mas que se encontra armazenado. Admitimos que não há como dar conta absolutamente de todas as vozes, mas investigar o motivo de algumas serem mais lembradas do que outras, ou de algumas serem relegadas ao esquecimento aparentemente de modo proposital, tem sido o grande objetivo de nossa pesquisa.

Aline Bei é uma expoente da nova onda de escritoras brasileiras em ascensão, não canônica, e que traz muito da rapidez do contemporâneo, sem pôr de lado o texto primoroso e autêntico. Se, com a publicação deste romance, podemos pensar na maneira como se dá a construção de uma tradição literária, dinamizando-a, visto que são as novas obras que vão suscitar novas leituras e interpretações, trazemos à discussão as palavras do crítico e comparatista francês Antoine Compagnon:

A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras. Cada obra nova provoca um rearranjo da tradição como totalidade (e modifica, ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição) (COMPAGNON, 1999, p. 34).

Assim, tão essencial quanto resgatar os escritos das mulheres brasileiras, como muito bem fez a Editora Mulheres, de Zahidé Muzart, é incentivar a escrita de autoras contemporâneas, e nada melhor do que o incentivo da leitura atenta e posterior crítica, e é o que este artigo também propõe. Quem nasce primeiro: a literatura ou os leitores? Não pretendemos desenvolver este questionamento, porém intentamos neste artigo observar a relação dialógica entre as duas partes ao analisar a recepção do romance *O peso do pássaro morto*, tendo por ancoragem o referencial teórico sobre Estética da Recepção e Memória.

Aline Bei, escritora paulista, publicou pelas editoras Nós e Edith, em 2017, *O peso do pássaro morto*, o seu romance de estreia. O enredo da narrativa trata do acompanhar da vida de uma mulher, dos 8 aos 52 anos. Como já sugere o título, trata-se de uma narrativa extremamente melancólica, na qual a vida da protagonista pode ser definida enquanto uma existência repleta de perdas e dores. A escrita



poética e versificada de Bei agarra-se a esta conjuntura, tornando a leitura instigante, fluida e potente.

Desde a infância, a personagem passa por lutos e episódios de *bullying*, a situação culmina no estupro cometido pelo namorado no final da adolescência: ele foge em seguida, deixando-a sozinha com a criança. A relação da personagem com o mundo exterior é dotada de silêncio e lacunas, e não é diferente com o filho, Lucas. Ela o vê como uma repetição do ex-namorado, uma lembrança da maior violência que já sofrera: "e te olhar/é/a coisa mais Difícil/porque você lucas/é a cara do Pedro [...] te ver/ passando por mim na cozinha/é reviver aquele maldito dia em segredo, diariamente,/com o fruto dentro/da minha casa sem saber" (BEI, 2017, p. 101).

Destacamos o trecho a seguir por ser expressivo de elementos próprios à narrativa e ao estilo da escritora. Nele, estão presentes a versificação, os vazios estruturais e simbólicos (representados por espaços em branco e pela figura do pássaro que, em pleno voo, é ferido e adentra à morte, seguindo até virar nada) e a violência masculina construída socialmente desde a infância.

eles gostam de ver
brutalmente interrompido
algo delicado que estava em
Movimento,

a pedra no céu

a pedra no estilingue

a pedra no corpo

o corpo
no chão e

a pedra,

que já não interessa mais, cumpriu sua função de
ponte (BEI, 2017, p. 83).

Como boa filha do digital, a autora faz uso das redes sociais e, por meio delas, alcança um público cada vez maior. No ano seguinte à publicação, a obra ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Melhor Romance de Autor com



Menos de 40 anos. Assim, *O peso do pássaro morto* torna-se um expoente notável no que tange à literatura de autoria feminina contemporânea e a um reconhecimento significativo dos leitores. A partir disso, neste artigo vamos observar como tem se dado a recepção desse romance no Brasil desde o seu lançamento. Sabemos que, por se tratar de uma obra muito recente, seu público leitor ainda não está de todo formado, e mesmo sofrerá variação considerável ao longo do tempo. No entanto, buscamos semelhanças e/ou diferenças em textos de crítica publicados junto ao lançamento, para tentar medir em que proporção há uma recomendação para a leitura e, em caso positivo, por quais características.

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: UMA BREVE RECAPITULAÇÃO

Consolidado no Congresso da Associação de Literatura Comparada, realizado na Áustria em 1979, o termo "Estética da Recepção" surge nos Estudos Literários alterando o foco de investigação: "do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o "Terceiro Estado", conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social" (ZILBERMAN, 1989, p. 11).

Em termos de conceituação, vale destacar que "a recepção não é apenas um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente de aprovação e de recusa, e, por isso, em grande parte não sujeita ao planejamento mercadológico" (JAUSS, 1979, p. 57). Assim, neste artigo, apesar das inúmeras críticas feitas a este movimento teórico, concordamos com a tese de que, a partir das resenhas, temos leitores produtivos, cujas impressões, advindas justamente da relação entre texto e seu destinatário, permitem-nos ter acesso a alguma espécie de julgamento da obra. De fato:

os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar (ZILBERMAN, 1989, p. 110).



Nas resenhas apresentadas, a *identificação*, isto é, a "resposta do leitor quando da experiência estética e tem um significado tanto intelectual, quanto afetivo" (ZILBERMAN, 1989, p. 113) e o *efeito*, isto é, "a resposta ou reação motivada pelo texto no leitor" (ZILBERMAN, 1989, p. 112), formando, assim, uma reunião de

identificações e efeitos relacionados a *O peso do pássaro morto*, servindo de documento histórico, ou um "quadro de memórias" sobre sua recepção, sobre como a obra foi lida naquele determinado momento, como foi apresentada à comunidade de leitores, ou seja, a "acolhida alcançada por uma obra à época de seu aparecimento e ao longo da história" (ZILBERMAN, 1989, p. 114), demonstrando, assim, sua "vitalidade, verificável por sua capacidade de manter-se em diálogo com o público" (ZILBERMAN, 1989, p. 114). Além disso, consideramos as resenhas como registros pautados sobre a seleção, o destaque ou recorte de certos aspectos. Esse processo inevitavelmente sofre a influência do que um grupo social (críticos literários, professores, jornalistas) ou sistema literário valoriza, ou não, naquele momento como tipo de escrita. Se há uma procura por esses textos que abordam questões sociais, por exemplo, como a luta das mulheres por igualdade, ou outras causas, isso certamente diz muito sobre que valores e ideias circulam na sociedade e que estão em foco.

319

As resenhas, pode-se dizer, têm como função apreender a primeira recepção das obras, imediatamente após sua publicação, com frequência realçando as condições históricas, sociais, culturais e políticas que influenciam esse processo. Trazendo novamente as palavras de Antoine Compagnon:

Por crítica literária compreendo um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção (COMPAGNON, 1999, p. 21-22).

Assim, este artigo, ao propor uma breve análise de resenhas, se torna um registro histórico da primeira recepção, e, em seu conjunto, essas resenhas transformam-se em uma memória dessa publicação, ou:

A memória *na* literatura, isto é, a 'mímese da memória'. Trata-se da encenação da memória, de recordações e lembranças em textos literários, os

A RECEPÇÃO BRASILEIRA AO
ROMANCE O PESO DO
PÁSSARO MORTO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.17,
p. 314-332, jan./jun. 2021
ISSN 2525-3441

quais dialogam com os discursos da memória de seu contexto de produção, trazendo à mostra o funcionamento, processos e problemas da memória (individual e coletiva) no campo ficcional (UMBACH, 2008, p. 12).



Os leitores críticos que compuseram as resenhas fazem parte do mesmo horizonte temporal da autora e da protagonista da história, pois, na nossa leitura, o romance, em termos temporais, parece ocorrer no tempo contemporâneo de todos os envolvidos na análise. Resta saber se, daqui a alguns anos, mudanças significativas ocorrerão na situação das mulheres a ponto de modificar a leitura (recepção) de quem agora lê a obra, bem como as resenhas publicadas sobre ela, e, mesmo, este artigo.

AS RESENHAS ESCOLHIDAS

Segundo Brown (1994, p. 7), as resenhas são uma ferramenta importantíssima quando se quer aferir a recepção de uma obra, pois formam um “‘corpo de reações’ ao autor e ao texto^{iv}”. Neste artigo, apresentamos cinco resenhas sobre o livro veiculadas em mídia predominantemente digital, com autoria explicitada, durante o período que vai de setembro de 2018 a maio de 2020. Quanto aos critérios de escolha, buscamos por um horizonte temporal que fosse mais abrangente (neste caso, abarcando praticamente dois anos), e que tivesse uma abrangência também em termos de locais de publicação. Embora o meio seja digital, o *lócus* de enunciação é algo interessante de ser observado, pois nos dará informações também acerca da recepção. Por exemplo, um site com base em São Paulo, mas que conta com um resenhista que vive em Manaus, nos trará a impressão do resenhista que vive em Manaus, e não necessariamente do público de origem do site em si. Daí também a importância da seleção de resenhas que tivessem autoria explicitada. Outro aspecto na seleção foi a opção por deixar de fora os blogs de leitura pessoal, justamente por essa característica extremamente individual. Às vezes não temos conhecimento de quem é o responsável pela crítica veiculada no blog, e teríamos que fazer uma grande varredura. Depois dessas considerações, vamos comentar



sobre cada uma delas, chamando a atenção, posteriormente, aos seus pontos convergentes e divergentes.

Resenha do Portal Lunetas

Publicada em setembro de 2018 no portal Lunetas, dedicado ao compartilhamento de notícias sobre comportamento e tudo o que diz respeito ao mundo das múltiplas infâncias, da família e as fases de desenvolvimento - crianças, adolescentes e a relação com os pais -, a resenha intitulada "'O peso do pássaro morto' narra o impacto das primeiras perdas", de autoria de Renata Penzani, enfoca os tópicos do romance que mais se relacionam com a temática:

[...] infância, parentalidade, vínculos afetivos, saúde emocional, abuso, sexualidade. Dentre eles, um dos que ganham destaque é a maternidade - tanto da protagonista com a própria mãe, quanto, mais tarde, com seu primeiro e único filho" (PENZANI, 2018).

O texto da resenha inicia reiterando que "A infância e seus múltiplos desdobramentos dão norte para a trama, que não faz concessões ao narrar uma história marcada por acontecimentos trágicos; e foi também o ponto de partida para a ideia nascer" (PENZANI, 2018).

O ponto crucial (e talvez o grande desafio quando se propõe a tarefa) de escrita de qualquer resenha é a devida dosagem de informações sendo reveladas ao leitor - afinal, nem todos querem saber detalhes do final do livro ou do filme sendo alvo da resenha. Penzani foi cuidadosa:

Sem estragar as surpresas que a trama reserva ao leitor, é possível dizer que a protagonista também leva para vida as marcas emocionais de uma violência, o que carrega sua relação com o filho de culpa e distância. E é aí que o livro pode ganhar contornos de acolhimento para mães que passam por experiências parecidas (PENZANI, 2018).

Logo depois deste trecho, Aline Bei presta seu depoimento: "A maternidade da protagonista é uma eterna tentativa de se aproximar dos sentimentos que ela nutre pelo filho, uma tentativa encolerada pela dor" (PENZANI, 2018).

Das cinco resenhas escolhidas, esta é a que parece ser a mais informativa, por contar com esta breve entrevista da autora, que destaca também o papel da interatividade no seu processo criativo e também comercial, por afirmar preferir fazer as vendas

diretamente com os leitores: “Minha relação com os leitores é bem próxima e gosto que seja assim. Costumo compartilhar as resenhas e impressões no meu Instagram. Mas as coisas que eles me dizem por mensagem privada, essas eu prefiro guardar, são como cartas” (PENZANI, 2018).



Em termos da Estética da Recepção, e da importância do leitor, um exemplo eficiente dessa relação é o contato imediato de leitura e comercialização do livro, e o compartilhamento de reações quase imediato com o autor, que se mostra também, cada vez mais, uma pessoa normal e acessível, e que antes de escritor, é leitor também.

Resenha da Revista Caliban

Intitulada “Renúncia e autoabandono em *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei’, a resenha de Yasmin Nigri foi publicada na Revista Caliban, especializada em artigos sobre literatura, logo, tornando nossa escolha sólida. A resenha saiu em outubro de 2018 (um mês depois da resenha apresentada anteriormente), e Nigri começa apropriadamente questionando a banalidade e a facilidade da afirmação de que o livro é marcado por perdas. Segundo a resenhista:

[...] somos conduzidos por uma voz poética que retrata um mundo interior denso, secreto e rico em imagens; este mundo é estorvado por uma realidade material pobre e um cotidiano tedioso, repetitivo e solitário (NIGRI, 2018).

Como o romance retrata o feminino, a análise semântica trazida por Nigri é digna de menção: “O que se evidencia no fato de todas as personagens ganharem um nome próprio, menos a narradora, cujo nome é usurpado e em seu lugar entram os significantes filha, mãe, avó, secretária e puta, por onde sua identidade escorre” (NIGRI, 2018).

A partir dessa argumentação, esta resenha prioriza os aspectos técnicos de construção da narrativa, inclusive caracterizando *O peso do pássaro morto* como uma “metanarrativa, visto que narra a importância de narrar, dando voz a um sujeito destituído da própria narrativa de sua vida” (NIGRI, 2018). Assim, ao mesmo tempo em que ressalta a função da narradora em primeira pessoa, esta é abalada pelo autoabandono ao longo do texto.



Se, na teoria literária, o 'eu' na narração garante protagonismo, aqui a história não é bem assim, identificando o domínio patriarcal: "A ela sequer é dado o direito de terminar a própria história, pois nas quatro últimas páginas do livro é substituída por uma voz em off" (NIGRI, 2018).

De fato, o último aspecto descrito na resenha é válido para toda e qualquer leitora, pois o romance demonstra algo mais crucial do que apenas a necessidade de narrar, afinal, não adianta termos a voz se não nos apropriamos da narrativa: "Caso contrário, nós mulheres estaremos sempre fadadas a seguir o curso de uma narrativa alheia onde cumpriremos o papel de observadoras impotentes da nossa própria história" (NIGRI, 2018).

Resenha do *site* Valkirias

Intitulada "O peso do pássaro morto: quantas perdas cabem na vida de uma mulher?", esta resenha foi publicada em novembro de 2018 (isto é, um mês depois da analisada anteriormente) em um meio diferente: o site Valkirias, dedicado à cultura pop e feito "por mulheres e para mulheres, que busca discutir música, cinema, tv, literatura e games sob uma perspectiva feminista". Buscamos a resenha neste meio para tentar visualizar o que talvez não tenha sido contemplado nas resenhas anteriores. A autoria é da jornalista e *booktuber* Ana Luísa Bussular, com uma breve descrição de seu perfil ao final do texto.

A resenha inicia com uma colocação que remete à pergunta do título, que aparece também na orelha do livro (acerca das perdas), mas privilegia outro aspecto: "o livro fino, de cara minimalista sem sinopse na quarta capa, pode acabar passando despercebido nas prateleiras - mas jamais passará despercebido por quem o ler" (BUSSULAR, 2018).

Quanto aos aspectos técnicos da narrativa, a resenhista propõe uma tentativa de classificação do romance, que "mistura a ideia de diário com fluxo de consciência, [...] um pequeno romance de formação subjetivo em que acompanhamos a protagonista - cujo nome desconhecemos - em diferentes idades, dos 8 aos 52 anos". Segundo a resenhista, essa experimentação técnica funcionou, por ter garantido premiação para Aline Bei.



Depois de ressaltar os aspectos técnicos, a resenhista (retomando o desafio de evitar *spoilers*) sublinha a necessidade de “ter estômago”. E uma caixa de lenços. Afinal de contas, se me permitem ainda nessa parte do texto um pequeno *spoiler* que responda a pergunta do título, muitas são as perdas que cabem na vida de uma mulher” (BUSSULAR, 2018).

Há ainda a menção a uma possível intertextualidade com o livro *Fazes-me falta*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa (publicado originalmente em Portugal em 2002), o que é extremamente interessante, pois demonstra como o intertexto está presente na memória do leitor, o que o ajuda a construir sua própria versão da narrativa.

Analu menciona a experiência prévia de Aline Bei com a perda do pássaro, fazendo uma conexão com a vida da protagonista, que perde não apenas pessoas, mas outros sentimentos. Analu menciona que:

[...] a maternidade compulsória e solitária é muito presente em toda a vida adulta da protagonista e, portanto, retratada no livro sem muita demagogia. Não é uma visão do assunto que estamos acostumados a encontrar e, por isso mesmo, é uma visão à qual também precisamos conhecer e entender (BUSSULAR, 2018).

Um elemento que não foi considerado pelas outras resenhas apresentadas neste artigo até então foi a presença do cachorro, que a protagonista encontra no meio do caminho enquanto vai visitar o filho em Minas Gerais e o qual ela chama de “Vento”. A resenhista propõe uma comparação metafórica da presença do cão com a depressão: “Mas metafórico ou não, o animal possui um nome bastante significativo - Vento - e se torna uma grande presença na história, apresentando para a narradora (e seus leitores) um novo capítulo” (BUSSULAR, 2018).

O questionamento da resenhista ao final do texto em relação ao cachorro aparentemente cria um mistério para o leitor: “será que ele também se vai? E o que aconteceria se ele fosse? Muitas são, de fato, as perdas que cabem na vida de uma mulher”.

Resenha do Jornal Rascunho

A RECEPÇÃO BRASILEIRA AO
ROMANCE O PESO DO
PÁSSARO MORTO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.17,
p. 314-332, jan./jun. 2021
ISSN 2525-3441

Se até agora neste artigo foram apresentadas resenhas escritas por mulheres, vamos analisar agora a composição do



resenhista Luiz Paulo Faccioli, intitulada "Delicado e incisivo: no premiado "O peso do pássaro morto", Aline Bei utiliza linguagem poética para discutir valores morais caros à humanidade", publicada no Jornal Rascunho em janeiro de 2019, cerca de dois meses depois da última resenha ora apresentada.

Como identificação desta publicação, o Jornal Rascunho intitula-se "o jornal de literatura do Brasil", tendo sido criado em 2000 em Curitiba, Paraná, com publicação mensal, o que pode engendrar um horizonte de expectativa no leitor. Por horizonte de expectativa, seguimos a definição elaborada por Jauss (1994), que, resumidamente, se refere ao:

saber prévio, ele próprio, ele mesmo um produto dessa experiência com base no qual o novo que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõem seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida (JAUSS, 1994, p. 28).

Assim, a autoria explicitada logo abaixo do título da resenha também pode ser um indicativo, isto é, um sinal desse horizonte de expectativa, pois pensamos o seguinte: "ora, é um homem escrevendo sobre um romance escrito por uma mulher e que tem como protagonista a vida de uma mulher".

O início da resenha já traz uma palavra interessante: resistência. E é a partir da conceituação dessa palavra que Faccioli reflete acerca da sua leitura do romance, contextualizando-a no Brasil político do início de 2019, com novo mandato presidencial e que, segundo o autor da resenha, teria realçado um retrocesso em termos democráticos e moralistas. Logo, a escolha pela resenha deste livro já se justificaria.

Em 2017, quando Aline Bei lançou "O peso do pássaro morto", o atual cenário político brasileiro nem de longe estava definido e a realidade que emergiria das urnas, quase dois anos depois, era uma incógnita. Para contar sua história, Bei valeu-se de uma estratégia narrativa de tons vanguardistas: romance estruturado em forma de versos, na toada desse hibridismo que vem ganhando adeptos nas letras em todo o mundo. Talvez tenha sido intuitiva, talvez fruto de uma sofisticada concepção intelectual, o certo é que a opção não foi algo fortuito, não aconteceu ao acaso, mas como parte de um processo cujo começo é anterior à obra, movimenta-se independentemente dela e nela está plenamente refletido" (FACCIOLI, 2019).

Um gancho interessante trazido por Faccioli diz respeito à forma, e o questionamento que hoje qualquer estudioso



de literatura se faz é o seguinte: onde está a poesia? O resenhista recapitula a trajetória do gênero poesia na literatura universal, citando grandes exemplos de narrativas compostas em versos, como *A Ilíada*, *A Odisseia* e *Os Lusíadas*. A pergunta feita pelo resenhista é assim apresentada: "Em nosso país, onde a poesia vem sofrendo um paulatino descaso nos últimos anos, por falta de leitores ou de editores dispostos a publicá-la, por que justo agora uma narrativa em versos?" (FACCIOLI, 2019).

Faccioli procura responder o questionamento, e move-se no grande mapa do Brasil até Porto Alegre, no extremo Sul do país, para trazer as palavras da patrona da 64ª Feira do Livro da cidade, Maria Carpi, justamente sobre a poesia nos dias de hoje:

A melhor poesia será o poema social da morada do homem. [...] O poeta escritor de poesia e o poeta que habita cada ser humano necessitam se apurar no exercício dos sentidos. Todos precisamos de livre acesso à poesia. Como deixar entrar poesia se todas as portas estão fechadas? Seremos a porta" (FACCIOLI, 2019).

Faccioli compara ainda o romance com *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (publicado em 1955), destacando que os versos de Bei são livres e brancos, permitindo a reformulação para prosa sem afetar seu conteúdo. O resenhista chama a atenção para os números presentes na capa do livro, que se referem aos capítulos do livro e às idades descritas pela personagem principal. Aliás, se já manifestávamos a importância de não revelar partes do livro ao leitor, para não afetar seu horizonte de expectativa, aqui o autor da resenha também demonstra essa preocupação, no seguinte trecho:

A personagem vive uma sucessão de dramas pessoais, e um em especial, do qual só se pode aqui adiantar tratar-se de um episódio de extrema crueldade, condicionará toda sua história e desventura. Aliás, não há como detalhar o trecho sem privar o futuro leitor de um dos principais atrativos da obra (FACCIOLI, 2019).

A exemplo das demais resenhas, há o destaque à evolução da linguagem na narrativa, além da relevância de abordar aspectos sensíveis do universo feminino em uma era de "machismo e misoginia" por meio de descrições de "exemplar crueza" (FACCIOLI, 2019).

Todavia, se, nas demais resenhas, líamos apenas pontos positivos, sem a presença de algum ponto de crítica



construtiva ao romance, Faccioli representa este contraponto. Após elencar as qualidades, um ponto em específico desagradou o resenhista na contextualização crítica no Brasil de hoje:

leva a pelo menos um subproduto que se torna às vezes indesejável: alguns trechos beiram o panfletário. O eu narrador permite que se jogue a culpa de certos arroubos na conta da personagem, mas é sempre frustrante, depois de se ler uma bela passagem como: *aos bebês/ é preciso contar que/ a casa da gente/ virou casa uma em cima das outras e isso é normal/ a cidade dorme no entre*, deparar-se com o raso juízo de valor que vem na sequência: *algumas pessoas se recusam a vender seus terrenos/ pra virar apartamento, mas as construtoras/ dizem de milhão e convencem, o dinheiro/ deixa o corpo louco pra/ grudar na nota*. São poucos os desvios como esse, é bem verdade, mas, numa obra tão finamente urdida, eles destoam e suspendem momentaneamente o encanto (FACCIOLI, 2019).

Para encerrar sua composição, Faccioli retoma a fala de Maria Carpi e categoriza Aline Bei como uma possível porta que, além de resistir a um cenário que busca “roubar o que de mais precioso tem a arte e a literatura, [...] se abre para a poesia, trazendo com ela a necessária reflexão sobre os valores mais caros a nossa humanidade. Uma bela e oportuníssima estreia” (FACCIOLI, 2019).

327

Resenha da Revista Glamour

Em relação a esta resenha da Revista Glamour, chama-nos a atenção o fato de ela ter sido lançada em maio de 2020, já sob os efeitos da pandemia de Covid-19 anunciada em março de 2020 e que assolou o mundo. Outra característica é sua brevidade. O título da resenha faz parte do movimento da revista, intitulado Mulher Bacana Lê, promovendo a leitura e a discussão de livros escritos por mulheres. Logo, o título dessa resenha já apresenta a *hashtag*: #MulherBacanaLê: “O Peso do Pássaro Morto”, de Aline Bei: Livro de estreia de jovem escritora premiada reflete sobre a morte e as perdas na vida de uma mulher”. Paula Jacob é a resenhista e editora de estilo de vida da revista. Em 2017 foi criada a #MulherBacanaLê, para que os leitores da revista melhorem seus hábitos de leitura, com títulos não apenas inspiradores, mas de autoria feminina.

Jacob começa seu texto com o foco no tecnológico, afinal, ela menciona que chegou ao título depois de tê-lo visto nas redes sociais de alguns amigos e também influenciadores digitais. Jacob

A RECEPÇÃO BRASILEIRA AO
ROMANCE O PESO DO
PÁSSARO MORTO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.17,
p. 314-332, jan./jun. 2021
ISSN 2525-3441



menciona que, por estar esgotado, não teve como comprar o livro imediatamente. O tom da resenha é bem pessoal, como se fosse a descrição de um *blog* ou de um diário - a menção ao cenário de onde ela fazia a leitura do livro, um café na cidade de São Paulo, é indicativa dessa característica intimista. A construção da vida da personagem e a reflexão acerca da única certeza que temos na vida, além das pressões sociais das mulheres, são os pontos destacados primeiro pela resenhista, que afirma: "Parei na página 60, porque ela relata um episódio de violência contra o corpo da mulher. Chorei no café, comendo figo com presunto cru e rúcula. Fechei o livro e guardei-o na minha bolsa" (JACOB, 2020).

Essas reações certamente demonstram a força emanada pelo texto de Bei. Jacob ressalta que outros episódios, antes desse que a fez parar a leitura de modo tão intenso, a tocaram seja pela tristeza (quando o choro é tanto que pode até derreter os cílios), seja pela simplicidade e intensidade do sentimento (quando a protagonista parece querer guardar seu namorado dentro de si para lembrar dele a todo instante).

Quanto a indicações, e pelo fato de a leitura ter sido feita em um contexto não tão aprazível, a resenhista comenta:

Porém, não indico ler calorosamente, como me entreguei de início, em tempos como os de hoje, no qual nossos bens materiais, intelectuais e sentimentais, estão em constante perda e renovação. Existe um peso emocional no livro, como o próprio nome já indica: tristezas, perdas, mortes...

Jacob continua e destaca a necessidade de "lê-lo com calma, aos poucos, com intervalos de dias, talvez. Eu tirei o livro da minha bolsa no meio da quarentena e fui degustando de sua prosa a doses homeopáticas. Lindo até o último parágrafo" (JACOB, 2020). Chamamos a atenção para essa necessidade de respeitar o ritmo de leitura: aparentemente, o livro, por ser breve, demonstra que é preciso reduzir o ritmo, para que a fruição se dê de forma plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de escolher cinco resenhas para serem analisadas neste artigo, tendo como objeto o romance de Aline Bei intitulado *O peso do pássaro morto*, serviu para que vissemos



diferentes pontos de vista - i.e., leituras - acerca das mesmas cento e poucas páginas de um livro que, apesar de ser aparentemente curto, demonstra uma potência monstruosa, de alguma forma traduzindo o dito popular de "ser curto e grosso".

Além disso, as resenhas ora apresentadas demonstram como as

leituras são variadas, multifacetadas, cada uma com sua contribuição. A linguagem poética, que é visível formalmente, não é uma poética positiva, de um mundo perfeito, mas, sim, reflete a realidade de inúmeras mulheres, e não apenas brasileiras - embora os elementos de cor local do Brasil (mais precisamente, de São Paulo) transpareçam mais na narrativa. Todavia, uma mulher em Joanesburgo lendo o livro provavelmente se identificará com algum dos sentimentos compartilhados pela narradora, como as reações a uma agressão praticada por alguém até então tido como especial na vida da protagonista; a incompreensão dos familiares diante dessa agressão; os sonhos esquecidos diante dos desafios de uma maternidade forçada e conturbada; a busca de sua identidade. Aqui enalteçemos o efeito catártico, isto é, o poder que a arte tem de suscitar efeitos diversos em seus receptores. Embora o texto seja sobre um contexto específico, ainda assim é possível um olhar de uma forma que represente uma experiência universal, neste caso, do "ser mulher".

329

Das cinco resenhas analisadas, com diferentes *loci* de enunciação, há um ponto em comum: o realce do oportuno foco em temas sensíveis do universo feminino em meio a uma realidade que ainda sofre com o machismo e que, durante o processo de escrita e publicação, ainda teve de resistir a retrocessos com mudanças políticas significativas no campo político, e que certamente tem reflexos em outros setores da sociedade, o que afeta, inevitavelmente, a recepção da obra. Lemos quatro resenhistas mulheres e um homem, que foi o único que apresentou um ponto negativo em sua composição, mas que não chega a desmerecer a obra como um todo; muito antes pelo contrário, é apenas um item que, do ponto de vista do resenhista, pareceu não ser tão agradável na sua leitura.

As resenhas, a partir do que expomos neste trabalho, têm como função apreender a primeira recepção das obras, imediatamente após sua publicação, com frequência realçando as



condições históricas, sociais, culturais e políticas que influenciam esse processo. A partir disso, por que não considerá-las, também, uma forma de memória de leituras, de interpretações, de ressignificações? Se hoje a metáfora do cachorro presente na obra nos remete à depressão, passados alguns anos talvez essa mesma metáfora não se refira mais a isso, mas a outro sentimento ou situação predominante na sociedade em que o leitor estiver inserido. Em resumo: as categorias de conhecimento sobre uma dada obra podem ser outras (pelo menos, as valorizadas pela crítica).

Logo, este artigo, ao propor uma breve análise de resenhas, acaba por se tornar um registro histórico da primeira recepção, e uma possibilidade também de estabelecer relações com outros textos, a exemplo da intertextualidade suscitada em duas das resenhas aqui apresentadas, de alguma forma já explicitando uma presença marcante (ou pelo menos evocativa) de *O peso do pássaro morto* no sistema literário brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BEI, Aline. *O peso do pássaro morto*. São Paulo: Nós, 2017.
- BROWN, M. H. *The reception of Spanish American Literature in West Germany 1981-91*. Tübingen: Niemeyer, 1994.
- BUSSULAR, Ana Luísa. O peso do pássaro morto: quantas perdas cabem na vida de uma mulher? *Valkirias: Cultura pop por mulheres*. 9 nov. 2018. Disponível em: <<http://valkirias.com.br/o-peso-do-passaro-morto/>> Acesso em: 28 ago. 2020.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- FACCIOLI, Luiz Paulo. Delicado e incisivo: no premiado "O peso do pássaro morto", Aline Bei utiliza linguagem poética para discutir valores morais caros à humanidade. *Jornal Rascunho*, Curitiba, jan. 2019, edição 225. Disponível em: <<https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/delicado-e-incisivo/>> Acesso em: 26 ago. 2020.
- JACOB, Paula. #MulherBacanaLê: "O Peso do Pássaro Morto", de Aline Bei – Livro de estreia de jovem escritora premiada reflete sobre a morte e as perdas na vida de uma mulher. *Revista Glamour*, Rio de Janeiro, 7 maio 2020. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Cultura/noticia/2020/05/mulherbacanale-o-peso-do-passaro-morto-de-aline-bei.html>> Acesso em: 30 ago. 2020.



JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

NIGRI, Yasmin. Renúncia e autoabandono em *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei. *Revista Caliban*, 19 out. 2018. Disponível em: <<https://revistacaliban.net/ren%C3%BAncia-e-autoabandono-em-o-peso-do-p%C3%A1ssaro-morto-de-aline-bei-d4abccafc06f>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PENZANI, Renata. 'O peso do pássaro morto' narra o impacto das primeiras perdas – Inspirado em um fato de sua infância, o livro de Aline Bei conta os impactos das primeiras perdas, ao acompanhar uma personagem dos 8 aos 52 anos. *Portal Lunetas*, 18 set. 2018. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/o-peso-do-passaro-morto/>> Acesso em: 1 set. 2020.

PRÊMIO JABUTI. Premiados por edição. Disponível em: <<https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

THE NOBEL PRIZE. All Nobel Prizes in Literature. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes-in-literature/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer. Memórias da repressão e literatura: algumas questões teóricas. In: UMBACH, Rosani Úrsula Ketzer (Org.) *Memórias da repressão*. Santa Maria: UFSM-PPGL-Editores, 2008, p. 13-22.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e História da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

331

Recebido em 28 de novembro de 2020.

Aprovado em 19 de janeiro de 2020.

THE BRAZILIAN RECEPTION OF ALINE BEI'S NOVEL *O PESO DO PÁSSARO MORTO* (2017): A BRIEF ANALYSIS

Abstract: This paper analyses the reception of *O peso do pássaro morto* (The weight of the dead bird in a free translation), Aline Vianna Bei's debut novel, published in 2017. The plot of the narrative follows the life of a woman since her childhood (8

A RECEPÇÃO BRASILEIRA AO ROMANCE O PESO DO PÁSSARO MORTO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.6, n.17,
p. 314-332, jan./jun. 2021
ISSN 2525-3441

years old) to adulthood (52 years old). As the title suggests, it is an extremely melancholic narrative, where the life of the protagonist can be defined in an existence full of losses and sorrow. Bei's poetical and versified writing holds to that scenario, resulting in an instigating, fluid and powerful reading.



With the aid of the Aesthetic of Reception, we observe how the book has been received in Brazil considering five reviews published between 2018 and 2020, with explicit authorship. The result of our analysis points to a positive reception of Bei's work, thus recommending its reading and showing the power (sometimes apparently threatened in Brazil) of literature.

Keywords: Reception; Contemporary Brazilian Literature; Reading; Memory.

i Seja privilegiada ou não por etnia e classe social.

ii A saber: Selma Lagerlöf (1909), Grazia Deledda (1926), Sigrid Undset (1928), Pearl S. Buck (1938), Gabriela Mistral (1945), Nelly Sachs (1966), Nadine Gordimer (1991), Toni Morrison (1993), Wislawa Szymborska (1996), Elfriede Jelinek (2004), Doris Lessing (2007), Herta Müller (2009), Alice Munro (2013), Svetlana Alexijevich (2015), Olga Tokarczuk (2018) e Louise Glück (2020). Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes-in-literature/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

iii Maria de Lourdes Teixeira (1961;1970), Lenita Miranda de Figueiredo (1971), Lygia Fagundes Telles (1974), Clarice Lispector (1978), Maria Adelaide Amaral (1987), Maria Alice Barroso (1989), Zulmira Ribeiro Tavares (1991), Rachel de Queiroz (1993), Sônia Coutinho (1999), Patrícia Melo (2001), Ana Miranda (2003), Nélida Piñon (2005), Beatriz Bracher (2008), Veronica Stigger (2014), Maria Valéria Rezende (2015; 2017), Carol Bensimon (2018). Disponível em: <<https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

iv No original, em inglês, "a 'body of reactions' to the author and the text" (BROWN, 1994, p. 7).